

## HISTÓRIA COMPARADA, LITERATURA E DISCURSO

Alexandre Santos de Moraes<sup>1</sup>  
Universidade Federal Fluminense

Recebido: 01/08/2015  
Aprovado: 15/12/2015

**Resumo:** O artigo apresenta algumas reflexões sobre o uso do método comparativo em pesquisas com documentação literária. A ênfase recai sobre a questão da interdiscursividade e a correlata necessidade de reconhecer a historicidade que preside as formações discursivas.

**Palavras-chave:** Interdiscursividade; História Comparada; Documentação Literária.

### COMPARATIVE HISTORY, LITERATURE AND DISCOURSE

**Abstract:** This article presents some reflections on the use of the comparative method in researches on literary sources. The emphasis is on the question of interdiscursivity and the related need to recognize the historicity that presides discursive formations.

**Keywords:** Interdiscursivity; Comparative History; Literary Sources.

Quase no fim de *Dom Casmurro*, um dos maiores clássicos da língua portuguesa, Machado de Assis faz uma analogia literária assaz significativa para descrever a situação em que o protagonista se via envolvido. Bentinho é socialmente coagido a escrever um elogio fúnebre a Escobar, o melhor amigo que julgava ter tido um envolvimento amoroso com Capitu e a quem creditava a paternidade de Ezequiel. O romance foi estruturado em pequenos capítulos de dimensões extremamente variáveis. A associação de Bentinho com Príamo, rei troiano celebrizado pela *Ilíada* de Homero, compreende todo o pequeno capítulo 125, abaixo reproduzido e que, por uma feliz coincidência para os propósitos deste artigo, recebeu o título de *Uma comparação*:

Príamo julga-se o mais infeliz dos homens, por beijar a mão daquele que lhe matou o filho. Homero é que relata isto, e é um bom autor, não obstante contá-lo em verso, mas há narrações exatas em verso, e até mau verso. Compara tu a situação de Príamo com a minha; eu acabava

---

<sup>1</sup> Endereço para correspondência: Universidade Federal Fluminense. Centro de Estudos Gerais. Instituto de Ciências e Filosofia. Rua Prof. Marcus Waldemar de Freitas Reis, Bloco O, Sala 501, Gragoatá. 24210-380. Niterói, RJ, Brasil. E-mail: asmoraes@gmail.com.

de louvar as virtudes do homem que recebera, defunto, aqueles olhos ... É impossível que algum Homero não tirasse da minha situação muito melhor efeito, ou quando menos, igual. Nem digas que nos faltam Homeros, pela causa apontada em Camões; não, senhor, faltam-nos, é certo, mas é porque os Príamos procuram a sombra e o silêncio. As lágrimas, se as têm, são enxugadas atrás da porta, para que as caras apareçam limpas e serenas; os discursos são antes de alegria que de melancolia, e tudo passa como se Aquiles não matasse Heitor.<sup>2</sup>

A fama do escritor Machado de Assis é inseparável de sua competência leitora de reconhecida erudição. Sua familiaridade com os Clássicos, particularmente com os gregos, sempre foi insistentemente alardeada. Antonio Salles, tio de Pedro Nava, o descrevia como “uma alma grega, exilada em nossos lares”, tal como Graça Aranha, que em um discurso na Academia Brasileira de Letras, chamou-o “um helênico no meio dos bárbaros”.<sup>3</sup> De certa forma, é impossível desconsiderar que cada narrativa literária evoca outras tantas narrativas pregressas, tanto aquelas que tenham sido diretamente estudadas pelo autor quanto aquelas que conformaram temas célebres nas tradições e que se tornam conhecidas de modo mediado, sem que saibamos ao certo como, onde e quando surgiram. Essa constatação é imprescindível para o comparativismo histórico que recorre à literatura como documentação.

O exemplo de Machado de Assis expõe não apenas um artifício literário, mas também uma dimensão de presentificação da Antiguidade Clássica no Brasil novecentista. Se considerarmos como axioma que toda produção literária é histórica, o que exige atenção para as condições sociais de produção, somos capazes de admitir que Machado recorreu a Homero não apenas porque o *aedo* cego de Quios se tornou célebre pela autoria da *Ilíada* e da *Odisseia*, mas porque as epopeias também representam uma etapa decisiva de nossa formação como sujeitos históricos. A estética literária exige a empatia do leitor, e isso seria

---

<sup>2</sup> ASSIS, Machado. **Dom Casmurro**. São Paulo: Moderna, 1983. p. 143-144.

<sup>3</sup> Tomo essas citações de empréstimo do livro *Machado de Assis Leitor: uma viagem à roda de livros* (BRANDÃO, R. S.; OLIVEIRA, J. M. R. **Machado de Assis Leitor: uma viagem à roda de livros**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.), escrito de Ruth Silviano Brandão e José Marcos Resende Oliveira. Como indicação, vale também a leitura do artigo *A Grécia de Machado de Assis* (BRANDÃO, Jacyntho Lins. *A Grécia de Machado de Assis*. In: MENDES, E. et al. **O novo milênio: interfaces linguísticas e literárias**. Belo Horizonte: FALE, 2001.), de Jacyntho Lins Brandão, ao qual os autores supracitados fazem inúmeras referências.

impossível caso não partilhássemos os valores que a própria estética exige para acontecer.

Essa constatação impõe ao analista uma cautela particular em se tratando de fontes literárias, independentemente da escolha do método comparativo adotado, bem como das distâncias ou proximidades temporais e/ou espaciais das sociedades estudadas. A lógica interna da literatura tem o poder de enublar determinadas fronteiras, por vezes com tanta habilidade, com tanta mestria, que a História parece refém das narrativas, como fez Machado de Assis com Homero, tornando a apropriação do tema antigo tão pertinente na comparação que ele próprio propõe que o poeta grego parecia ter escrito não para seus ouvintes dos séculos X ao IX a.C., mas para aqueles que aguardavam entusiasticamente por uma nova edição do folhetim que publicava os escritos machadianos.

É neste exato ponto que é preciso refletir sobre o arдил. Ora, se toda obra literária é devedora das condições sociais que permitiram sua gênese, uma análise em perspectiva diacrônica – ainda tomando como medida o exemplo proposto – dos sentidos das pressões sociais que levam alguém a “beijar a mão” de um inimigo, não passa simplesmente pela comparação dos aspectos sociais envolvidos nos textos. Príamo o fez porque julgava mais importante resgatar o corpo morto do filho e prestar-lhe as honras fúnebres; Bentinho, porque foi coagido a sublimar seu ódio para não revelar sua certeza (ainda que entendamos como suspeita) de que fora traído, o que certamente o tornaria objeto de opróbrio e vergonha no Rio de Janeiro no século XIX. Decerto, são duas questões que possuem similitudes e diferenças, ambas envolvidas pelo comportamento diante da morte e que não estão imunes ao exercício comparativo, mas há que se considerar prudentemente que a construção literária da segunda operou sob um paradigma que fora inaugurado pela primeira. Em outras palavras, a comparação deve cotejar a lógica da *apropriação* de um tema, de certa forma compreendida segundo o conceito de *interdiscursividade*.

Certamente, os estudos da linguagem dispõem de vários caminhos para abordar o fenômeno. Em meio a conceitos próximos e de certa forma correlatos, a noção de discurso e *interdiscursividade* parece não apenas mais operativa, mas também mais significativa para os estudos históricos de fontes literárias. Por

princípio, admite-se que nenhum texto fala “sozinho”: ainda que nem sempre seja possível reconhecer a precedência, considera-se que todo discurso evoca, consciente ou inconscientemente, um discurso anterior. Desta forma, como aponta Sara Oliveira, o “discurso é simultaneamente retrospectivo e prospectivo, de tal feita que o *aqui e agora* é apenas uma posição de *stand-by* de/para outros textos”.<sup>4</sup>

No caso da Análise de Discurso Francesa, o discurso é pensando no entrecruzamento disciplinar entre a Linguística, o materialismo histórico e a Psicanálise, tal como proposto por Michel Pêcheux a partir da década de 1960. Em sua defesa da disciplina, Eni Orlandi<sup>5</sup> considera a necessidade de substituir os esforços de entender o que o texto quer dizer pela compreensão de como o texto significa. O fundamento reza que se considere não o conteúdo da mensagem, mas o discurso propriamente, entendido como “efeito de sentido entre locutores”.<sup>6</sup>

É neste ponto que o conceito de interdiscurso se radica, ainda que seja necessário problematizá-lo em alguns aspectos. O interdiscurso é definido como “aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente”, também compreendido como uma espécie de “memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra”.<sup>7</sup> De certo modo, o interdiscurso em tal perspectiva é considerado como uma voz que soa do inaudível, e não na assunção deliberada de uma formação discursiva pregressa. Ele está ali, rodando ocultamente as falas, orientando nos limites e formas de dizer, sem que tais limites ou formas estejam racionalmente compreendidos ou disponíveis para serem escolhidos. O interdiscurso seria “um conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos”.<sup>8</sup> Pesa o componente decisivo do esquecimento, que determina o sentido daquilo que dizemos sem que estejamos conscientemente atentos à memória que sustenta a mesma capacidade de dizer: “é preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em um momento particular se apague na memória para que, passando para o

---

<sup>4</sup> OLIVEIRA, Sara. The unthinkable unprecedented: intertextuality in newspaper genres. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 5, n. 1, p. 9-28, 2004. p. 13.

<sup>5</sup> ORLANDI, E. **Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos**. Campinas: Pontes, 2010. p. 17.

<sup>6</sup> Ibidem. p. 21.

<sup>7</sup> Ibidem. p. 31.

<sup>8</sup> Ibidem. p. 33.

‘anonimato’, possa fazer sentido em ‘minhas’ palavras”.<sup>9</sup> Daí a distinção entre interdiscurso e intertexto, ao passo que o último restringe-se à relação de um texto com outros textos.

O exemplo de Machado de Assis seria, portanto, uma estratégia de *intertextualidade* ou *transtextualidade*, indicando deliberadamente a presença de um texto em outro. Outrossim, trata-se de uma distinção cujas fronteiras não são muito claras quando se transcende os aspectos gramaticais e tipologizantes. Reconhecer um intertexto nem sempre é tarefa simples: quando não há indicação, como fez Machado de Assis, a exigência é identificar certa ordem de textos pregressos com os quais o autor possa ter tido contato. No entanto, nenhuma apropriação é superficial, seja pela subjetividade do autor, que o refaz em função de suas visões de mundo (ou *ideologia*, como Pêcheux certamente entenderia), seja pela historicidade que estrutura as condições sociais de produção de todo discurso. Nesse sentido, a interdiscursividade é sempre uma forma de dizer algo novo a partir da elaboração de algo que anteriormente foi dito. Se está explícito textualmente, como em muitos casos, ou implícito de forma pouco discernível, pouca diferença faz: as possíveis relações de sentido nunca estão sob o controle de alguém, seja ele autor, leitor ou analista.

Todo intertexto comporta um interdiscurso, ainda que o contrário não seja verdadeiro. Mais do que isso, no caso literário, as formações discursivas possuem um diálogo intenso no interior da própria literatura. Não seria escandaloso reconhecer em *Dom Casmurro* um paralelo bastante significativo também com a tragédia shakesperiana, situando Bentinho à vizinhança de Otelo, Capitu à de Desdêmoda e o agregado José Dias à de Iago. Com atenção, reconhecer-se-ia também, ao longo do conjunto de escritos machadianos, traços nada desprezíveis de Stendhal, Shelley, Tomás de Aquino, Agostinho, Rossini, Proudhon, Rabelais, Alan Poe e dezenas de autores da Antiguidade além de Homero, tais como Aristóteles, Aristófanes, Cícero, Ésquilo, Epicuro, Demóstenes, Luciano, Plutarco, etc.. Nada disso, porém, priva Machado de Assis dos méritos da originalidade: em meio a todos, o autor brasileiro continua original, já que de certa forma, as

---

<sup>9</sup> Ibidem. p. 33-34.

formações discursivas são históricas, e não pessoais: a autoria se realiza numa apropriação particular de formações discursivas que, por serem históricas, pertencem simultaneamente a todos e a ninguém. No limite, tanto não há plágio perfeito quanto originalidade absoluta.

É justamente aí que a História Comparada precisa reconhecer os aspectos sociais que envolvem e presidem a criação literária. Persistamos no exemplo de Homero, mas em séculos imediatamente posteriores à data provável da composição da *Ilíada* e da *Odisseia*. Concentremos nossas atenções em um passo específico da narrativa iliádica. No Canto VI, Glauco e Diomedes se defrontam no campo de batalha e, quando o segundo questiona o primeiro acerca de sua ascendência, recebe a seguinte resposta:

“Oh, exultante filho de Tideu, por que indagas acerca de minhas origens? O nascer dos homens é tal como o das folhas: o vento derrama as folhas fracas sobre o solo, mas florescendo, a primavera faz na floresta outras tantas fortes surgirem. Assim é com a grei dos homens: nascem e fenecem.”<sup>10</sup>

Esta passagem, com recorda Eddie R. Lowry,<sup>11</sup> deve parte de sua celebridade ao elogio feito por Simônides de Amorgos, que a considerou a “mais admirável” da poesia de Homero. O discurso é notoriamente a expressão de uma concepção do curso de vida que assume a natureza como universo de referência para refletir sobre o tempo humano. Um analista de discurso reconheceria prontamente um efeito metafórico ou parafrástico na construção deste texto, posto que o nascimento dos homens é conceitualmente substituído pela lógica do crescimento e queda das folhas. No entanto, para além do significado do texto, é preciso indagar como o texto significa. Esse movimento só é possível se considerarmos a historicidade da formação discursiva em questão.

No pensamento homérico, as estações do ano são identificadas como o principal referencial capaz de demarcar a passagem do tempo. Eumeu, por exemplo, relata ao pai de Telêmaco transfigurado sob o aspecto de mendigo a

---

<sup>10</sup> HOMERO, *Ilíada*, VI, 145-149.

<sup>11</sup> LOWRY JR., E. R. Glaucus, the Leaves, and the Heroic Boast of Iliad 6.146-211. In: CARTER, J. B.; MORRIS, S. P. (ed.). **The Ages of Homer, A Tribute to Emily Townsend Vermeule**. Austin: University of Texas Press, 1995. p. 193-203. p. 193.

situação de um hóspede que recebera em Ítaca e que falsamente prometera que Odisseu voltaria a casa no verão (έν θέρει) ou, no máximo, no outono (έν όπώρη) com as naus repletas de dons para recompensá-lo.<sup>12</sup> A questão do retorno das estações é marcada também em um discurso de Penélope, quando a mesma menciona a filha de Pândaro que, tal qual um rouxinol, “canta belamente quando nova primavera se anuncia”, καλόν άείδησιν έαρος νέον ισταμένοιο.<sup>13</sup>

O termo que sintetiza essas referências é o substantivo ώρα, que pode significar uma parte do ano, alguma estação específica ou mesmo todas elas. Penélope, por exemplo, lançou mão do estratagema da fiação de um sudário para Laerte com vistas a *controlar o tempo* através de uma técnica que era exclusivamente feminina.<sup>14</sup> Contudo, após três anos, sugestivamente quando “mudaram as estações”, έπήλυθον ώραι, uma serva denunciou o arдил da filha de Icário.<sup>15</sup> A multidão de cíconos que se aproximavam para enfrentar Odisseu e seus companheiros é comparada através de um símile às flores e folhas que abundam com a chegada da primavera.<sup>16</sup> Exemplos não faltam.

Das muitas questões que emergem diante do estudo deste fenômeno, é preciso destacar uma concepção de tempo cíclico insistentemente observada pelos historiadores. Por mais que o tempo humano seja orientado a partir da consciência de sua finitude, cujo começo remonta ao nascimento e o fim ao limite extremo da velhice, a forma com que determinado grupo articula tais alterações é marcada por uma série de particularidades. Jean-Pierre Vernant, em suas análises sobre os aspectos míticos da memória e do tempo, percebe a supracitada mudança de orientação no pensamento helênico que se instaura no Período Arcaico e que foi expressa através do nascimento da lírica e de uma nova imagem de homem que se encontrava mais adequada ao devir. A respeito da experiência anterior, o helenista assinala:

---

<sup>12</sup> HOMERO, *Odisseia*, XIV, 384.

<sup>13</sup> HOMERO, *Odisseia*, XIX, 519.

<sup>14</sup> LESSA, F. S. Tecendo o feminino na Atenas Clássica: a mulher aranha. In: LEITE, L. R.; SILVA, G. V. CARVALHO, R. N. B.; FRANCALANCI, C. (org.). **Figurações do masculino e do feminino na Antiguidade**. Vitória: PPGL, 2011. p. 20-31. p. 27.

<sup>15</sup> HOMERO, *Odisseia*, II, 107.

<sup>16</sup> HOMERO, *Odisseia*, IX, 51-52.

Na concepção arcaica, acentuava-se a sucessão de gerações humanas, que se renovam umas nas outras pela circulação incessante entre mortos e vivos: o tempo dos homens parecia, então, integrar-se na organização cíclica do cosmo.<sup>17</sup>

Certamente, a influência divina é decisiva para a compreensão que os gregos antigos cultivavam a respeito da passagem do tempo, e Arnaldo Momigliano foi capaz de elogiar os méritos dessa percepção em um trabalho tão criticado quanto *Le Mythe de l'Éternel Retour*, de Mircea Eliade.<sup>18</sup> A questão da *boulê* de Zeus apresentada pelas epopeias, por exemplo, foi analisada por Pietro Pucci com vistas a identificar os encadeamentos que se colocam na relação do tempo divino com o tempo humano.<sup>19</sup> Entretanto, como adverte Pierre Vidal-Naquet, a definição de “tempo cíclico” não implica que os gregos desconheciam outras formas de tempo ou mesmo que as ignorassem conscientemente.<sup>20</sup> As discussões são bem amplas e repletas de variáveis, e certamente a existência de múltiplas concepções de tempo não significa que elas sejam necessariamente excludentes entre si.

Em períodos posteriores, a correlação entre as gerações humanas e as folhas foi amplamente retomada. Em outras palavras, trata-se de uma *formação discursiva* bastante recorrente no pensamento grego ou, nas palavras de G. S. Kirk,<sup>21</sup> “a associação entre as gerações humanas e a queda das folhas no outono tornou-se um lugar-comum poético na tradição helênica”. Se adotarmos o ponto de vista interdiscursivo, somos capazes de admitir que Homero provavelmente “recuperou” tal concepção de algum discurso preexistente (ainda que não tenhamos notícias de textos anteriores) e, posteriormente, alguns autores adotaram o mesmo procedimento, decerto amparados pela formação discursiva de que Homero também se apropriou, mas intertextualmente fazendo remissão à *Ilíada*, cuja celebridade no mundo helênico foi incontestável. Temos, por exemplo, um

---

<sup>17</sup> VERNANT, J-P. **Mito e pensamento entre os gregos: estudos de psicologia histórica**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1990. p. 157.

<sup>18</sup> MOMIGLIANO, A. **Ensayos de historiografía antigua y moderna**. México: Fondo de Cultura Económica, 1993. p. 161.

<sup>19</sup> PUCCI, P. La cadre temporal de la volonté divine chez Homère. *In*: DARBO-PESCHANSKI, C. (org.). **Constructions du temps dans le monde grec ancien**. Paris: CNRS Éditions, 2000. p. 33-48.

<sup>20</sup> VIDAL-NAQUET, P. Temps des dieux et temps des hommes. Essai sur quelques aspects de l'expérience temporelle chez les Grecs. **Revue de l'histoire des religions**, tome 157, n. 1, p. 55-80, 1960. p. 56.

<sup>21</sup> KIRK, G. S. **The Iliad: a commentary**. New York: Cambridge University Press, 1985. p. 176.

fragmento de Mimnermo (2W) em que o lírico retoma os versos iliádicos para discorrer sobre o curso vital através do mesmo modelo de símiles da vegetação. O mais conhecido, contudo, é uma passagem de Aristófanes em *As Aves*. O comediógrafo do século V a.C. assim registrou através da fala do Corifeu:

Vamos, homens obscuros por natureza, semelhantes à geração de folhas,  
fracos, moldes de barro, raça fugaz como sombras,  
efêmeros sem asas, míseros mortais, homens semelhantes a sonhos,  
prestem atenção em nós, as imortais, as sempre existentes,  
as etéreas, as sem velhice, as de pensamentos eternos.<sup>22</sup>

A recuperação de temas e passos homéricos assegurou boa parte do repertório da literatura ateniense do Período Clássico (séc. V ao IV a.C.). Diante da inequívoca marca da intertextualidade, cabe ao analista reconhecer comparativamente as semelhanças, diferenças e idiossincrasias que caracterizam a interdiscursividade. Em primeiro lugar, há que se reconhecer que determinados aspectos formais, tais como a metrificacão, a voz da narrativa, o ritmo, a performance, o público, os locais de exibição, dentre outros, concorrem diretamente para a conformação de uma narrativa significativamente diferente daquela do qual Aristófanes se apropriou. Este seria um primeiro nível de análise e crítica à documentação a que uma História Comparada de documentação literária deveria permanecer atenta. Dele decorre o segundo nível, propriamente ligado à lógica de como o texto significa, que se radica propriamente nas condições materiais que produziram e foram reproduzidas pela perspectiva do autor.

As diferenças, de fato, são bastante significativas. A peça trata da situação de duas personagens, Pisetero e Evélpides, que deixam Atenas voluntariamente, metamorfoseiam-se em aves e decidem fundar uma cidade nas nuvens, decisão tomada após colóquio com Tereu, um dos fundadores míticos da *pólis* democrática. O substrato da narrativa, de aparência escapista, revela na verdade uma crítica profunda ao estado de coisas que imperava na cidade, profundamente abalada pelos desequilíbrios da Guerra do Peloponeso (431 a 404 a.C.), que quando da encenação da peça, em 414 a.C., já transcorria há 17 anos. Aliás, é seguro afirmar que a maioria das peças de Aristófanes, tanto as que sobreviveram quanto aquelas

---

<sup>22</sup> ARISTÓFANES, *As Aves*, v. 685-689.

de que temos apenas notícias, dialogam com a experiência da guerra contra os espartanos.

Decerto que a oposição óbvia entre natureza e cultura, entre civilidade e barbárie, figura como um dos componentes centrais da narrativa, cujos sentidos envolvem a perda da condição humana provocada pelos infortúnios e más decisões que o autor atribuía aos atenienses da época, muitos dos quais nominalmente citados nos palcos do teatro. Daí a escolha deliberada, provocada pela desilusão, em direção à bestialidade: os protagonistas decidem se tornar animais, pois só assim poderiam produzir uma alternativa ao presente corrompido. A natureza persiste como universo de referência para pensar a vida humana, mas enquanto em Homero ela é fonte de renovação, de certeza da continuidade da vida, em Aristófanes é assumida como medida observável da decadência e da morte.

Essa interpretação parece decisiva para compreender que o tema das folhas, que nas palavras do Corifeu não sugere claramente uma dimensão cíclica do tempo, tal como o texto homérico entende, mas a dimensão corruptível da vida humana, de sua finitude, de sua fugacidade, referenciada como contraponto à vida das aves, que através do efeito cômico pretendido por Aristófanes passam a ocupar um posto hierarquicamente superior aos próprios deuses. Após a fundação da nova cidade, os imortais deveriam pagar tributos para o recebimento dos sacrifícios humanos, que por elas necessariamente passariam. No entanto, a análise do discurso deve estar atenta não apenas aos efeitos de sentidos que sobrevivem, caracterizam e identificam a intertextualidade, mas igualmente às ausências e silêncios, bem como as perdas que só podem ser compreendidas tendo em vista a historicidade das obras.

Seria preciso, como princípio historiográfico inicial e arbitrário, sublinhar as profundas mudanças estruturais que a formação das *póleis*, a partir do Período Arcaico (séc. VIII a.C.), introduziram na Hélade. As mudanças políticas, econômicas e culturais influenciaram decisivamente as concepções em relação ao curso de vida. O tempo cronológico, que era desconhecido em Homero, passou a servir de marco regulatório para diversos acontecimentos, especialmente em termos jurídicos. Foi utilizado, por exemplo, para a admissão de idades ideais para assumir determinadas práticas sociais. A divisão cronológica da vida, segundo Meyer

Fortes, “reveste-se de significado quando o quadro político e legal assume preeminência sobre a família e o parentesco na determinação da cidadania”.<sup>23</sup>

Outras tantas questões poderiam ser destacadas, mesmo porque a documentação literária oferece ensejo para muitos estudos comparativos. Os conceitos de intertextualidade e interdiscursividade oferecem aos analistas espaços de observação e crítica que permitem desvelar questões que muitas vezes permanecem ocultas pela superfície da linguagem. Aí reside a grande contribuição da História, em particular do exercício comparativo: reconhecer as formações discursivas, explorar suas apropriações, colocar a literatura em perspectiva para reconhecer que no desejo de enunciar há sempre a necessidade de recorrer a um enunciado pregresso, cujos sentidos são simultaneamente os que possibilitam a enunciação e que forjam algo novo a partir dela.

### Referências Bibliográficas

ASSIS, Machado. **Dom Casmurro**. São Paulo: Moderna, 1983.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. A Grécia de Machado de Assis. *In*: MENDES, E. et al. **O novo milênio: interfaces linguísticas e literárias**. Belo Horizonte: FALE, 2001.

BRANDÃO, R. S.; OLIVEIRA, J. M. R. **Machado de Assis Leitor: uma viagem à roda de livros**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

FORTES, M. Age, Generation and Social Structure. *In*: KERTZER, D. I.; KEITH, J. (org.). **Age and Anthropological Theory**. London: Cornell University Press, 1986. p. 99-122.

FORTES, M. Age, Generation and Social Structure. *In*: KERTZER, D. I.; KEITH, J. (org.). **Age and Anthropological Theory**. London: Cornell University Press, 1986, p. 99-122.

HOMER. **Homeri Opera in five volumes**. Oxford: Oxford University Press, 1920.

ARISTOPHANES. **Aristophanes Comoediae**. *In*: HALL, F. W.; GELDART, W, M. (Ed.). Oxford: Clarendon Press, 1907. V. 2.

KIRK, G. S. **The Iliad: a commentary**. New York: Cambridge University Press, 1985.

---

<sup>23</sup> FORTES, M. Age, Generation and Social Structure. *In*: KERTZER, D. I.; KEITH, J. (org.). **Age and Anthropological Theory**. London: Cornell University Press, 1986. p. 99-122. p. 99.

- LESSA, F. S. "Tecendo o feminino na Atenas Clássica: a mulher aranha. *In*: LEITE, L. R.; SILVA, G. V. CARVALHO, R. N. B.; FRANCALANCI, C. (org.). **Figurações do masculino e do feminino na Antiguidade**. Vitória: PPGL, 2011. p. 20-31.
- LOWRY JR., E. R. Glaucus, the Leaves, and the Heroic Boast of Iliad 6.146-211. *In*: CARTER, J. B.; MORRIS, S. P. (ed.). **The Ages of Homer, A Tribute to Emily Townsend Vermeule**. Austin: University of Texas Press, 1995. p. 193-203.
- MOMIGLIANO, A. **Ensayos de historiografía antigua y moderna**. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- OLIVEIRA, Sara. The unthinkable unprecedented: intertextuality in newspaper genres. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 5, n. 1, p. 9-28, 2004.
- ORLANDI, E. **Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos**. Campinas: Pontes, 2010.
- PUCCI, P. La cadre temporal de la volonté divine chez Homère. *In*: DARBO-PESCHANSKI, C. (org.). **Constructions du temps dans le monde grec ancien**. Paris: CNRS Éditions, 2000. p. 33-48.
- VERNANT, J-P. **Mito e pensamento entre os gregos: estudos de psicologia histórica**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1990.
- VIDAL-NAQUET, P. Temps des dieux et temps des hommes. Essai sur quelques aspects de l'expérience temporelle chez les Grecs. **Revue de l'histoire des religions**, tome 157 n. 1, p. 55-80, 1960.